

ISABELLE CARVALHO OLIVEIRA

**LUGARES DE ADOECIMENTO E LUGARES DE CURA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito para  
obtenção de título de Bacharel  
em Artes Visuais pela Escola de  
Belas Artes - UFMG.

Orientador(a): Janaina Rodrigues

**Belo Horizonte  
2021**

**LUGARES DE  
ADOCIMENTO**

**&**

**LUGARES  
DE CURA**

Sálvia



Na iniciação, trauma  
na sobrevivência, dor  
na morte, uma chance  
na auto destruição, obediência  
na resistência, loucura  
na escuridão, renascimento  
no auto amor, cura.

Alerto-te: o conteúdo aqui presente é da intimidade. Quase um manifesto da sobrevivência de uma fêmea profundamente conectada à fonte, a Natureza. Desde antes de aprender a escrever mantenho diários, a partir de desenhos, riscos, manchas, coleções de diversas coisas, principalmente aquelas em que sinto magia. Nunca pensei que tomaria essa proporção e significância em minha vida, mas era preciso traçar rastros do caminho para não me perder de mim. É a primeira vez que essa parte de mim se abre à um público... Nunca foi minha intenção escrever sobre tais ideias com palavras. Nunca me dei bem com elas. Sinto que elas podem nos limitar. Sempre me encontrei, e assim ao mundo, nas imagens e objetos que também carregam histórias. As imagens aqui presentes não são ilustrações do texto, mas justamente o contrário. A imagem é completa, tem vida, o texto é apenas um suporte. Nem tudo pode ser colocado em palavras, mas é possível acessar o infinito pelos sentidos com a arte. Avance com cautela.

“Estou escrevendo com meus olhos.” [Frida Kahlo]<sup>1</sup>

**A consciência  
em crise**



## ESPECIALIDADE

Desde que se entende por gente  
Pensa nesse lugar  
Do ser artista  
E se antes não sabia ao certo o que isso significava  
Hoje tem ainda menos certezas  
Dentro dos conformes

É coisa do olhar interno  
Coisas do sentir  
Da necessidade intrínseca de algo comunicar

Comunicar o que?  
Comunicar pra que?  
Pra quem?  
Talvez esta seja uma pergunta para toda a humanidade  
Talvez seja o comunicar o poder humano

E só se pode o que se quer  
Mas para pensar nos desejos da humanidade  
É melhor estar preparado  
Seria talvez muito chocante  
Ouvir de coração o que se comunica

Porque todos nós o fazemos  
De uma forma ou de outra  
Por bem ou por mal  
Sendo ou não sendo artista  
Ou talvez todos sejam  
Pelo menos sei que todos os humanos nascem assim

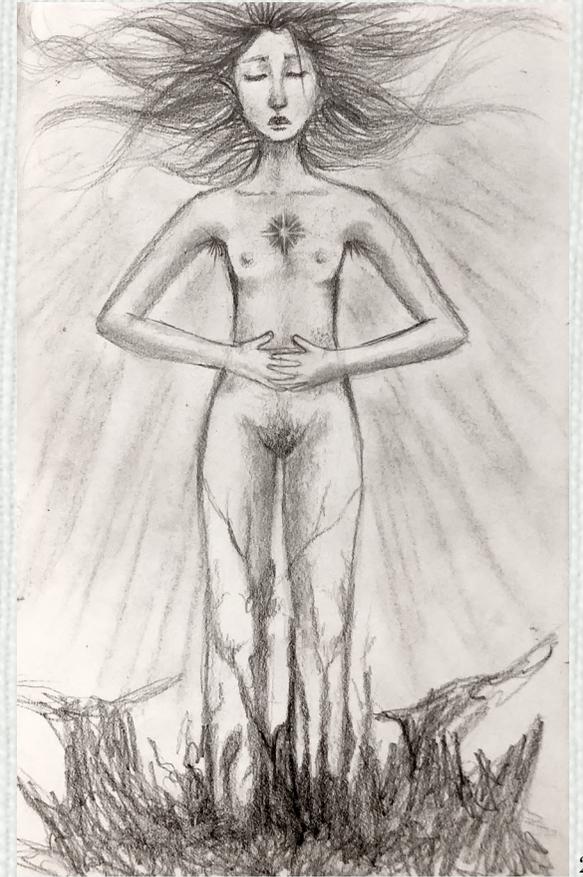
E por que nem todos permanecem assim?  
Talvez no crescer percamos o olhar

O sentir abertamente  
E qual seria o peso da necessidade de comunicar algo de dentro de si  
De comunicar nosso sentir  
Que a vida carrega

É que a maioria das pessoas esquece  
Como comunicar o sentir gera conexão  
Pois aprendemos pela emoção e pelos... sentidos  
Tudo que percebemos  
Cria uma marca em nosso ser  
Seja por bem ou mal

Mas a artista busca e busca  
Nas noites de lua cheia e nas de breu  
Em tantos lugares diferentes do mundo  
Independente do tipo de humano que seja  
A forma, a cor, o tom, o ritmo, a luz... a marca  
Mais capaz  
Apreciável  
Potente  
Que existe dentro de si...

Mas pra que?  
Talvez ser artista signifique apenas ser humano,  
ter instintos e necessidades  
De sentir, experienciar, comunicar, conectar...  
nossa espécie.



Por muito tempo eu tive um pensamento confuso de que deveria buscar na arte minha forma de mudar o mundo, e sabe-se bem como tal objetivo pode ser frustrante para um artista. Porém, independente de saber ou não o que exatamente eu gostaria de mudar e como, a urgência de expressar as emoções atreladas a acontecimentos marcantes que esse mundo imprimia sobre mim e os fatos que esses acontecimentos significavam pra mim nunca deixou de me preencher e moldar minhas escolhas. Talvez eu devesse ter escolhido outro caminho, algo mais garantido... a crise existencial começa aí, mas o que é viver – principalmente em meio a dor – sem poder se expressar? Será que um advogado ou médico são agentes de mudança maiores que um artista? Cada coisa é um detalhe. Talvez a arte seja ignorada porque nesse mundo a expressão e exibição das emoções seja reprimida, principalmente se escancaram uma verdade. Não seria este um dos estopins que nos trouxeram até aqui no caos? Sentir é inevitável quando se vive.

Não acredito que seja possível afirmar que o honesto impulso artístico não caminha junto com as outras fortes energias pessoais da vida do artista, seja a condição social, espiritual, econômica, o romance e a saúde mental e física. Não que estas sejam a fonte do fazer artístico, mas energias que moldam o fazer desse impulso que já habita o artista. Lembre-se e aceite como artistas deprimidos, mentalmente e fisicamente doentes (não que o artista deva sofrer mas os que sofrem precisam ser reconhecidos) produziram obras tão fascinantes, ou como artistas em situações críticas sociais e economicamente inovaram o fazer artístico. Não que a arte não precise do intelecto, porém que este não é como o de uma máquina e sim, deixa pistas por meio do transbordar de emoções que carrega. Acredito na essência da expressão artística que existe aos muitos “loucos” e subversivos que encontram nas artes a única forma de desentalar de suas gargantas e mentes suas verdades, suas histórias, visões e aprendizados que por tantas injustiças não conseguem/ podem gritá-las ao mundo. Vejo nisso um dos mais autênticos e primários instintos da arte. Algo que mesmo jovem percebi fazer parte também de mim. Quem pode julgar um louco por querer mudar o mundo? Muito mais do que terapêutico para o artista, como podemos dizer que isso não afeta a todes? Principalmente quando a “loucura” vem de um lugar de naturalização das muitas violências (físicas, mentais e emocionais) que ferem tanto pessoas quanto o restante da Natureza da qual fazemos parte.





4

Já li o verde ser dito por um homem como a cor da loucura e da doença, mas é primeiramente a cor da Natureza e por tanto uma das mais exuberantes cores de Deus(a). **Calma, equilibrada, fresca, vibrante e alimenta.** Seria então a Natureza louca? — a loucura é de fato uma fonte, uma criadora inovadora — Ou a loucura natural? — um processo necessário? Com um pouco de empatia é possível ver que o “louco” vive/ viveu no trauma e hostilidade. Loucura seria sofrer e não reagir! A mente que reage aos estímulos da dor na tentativa de sobreviver não é louca — é criativa, resiliente e vê caminho onde poucos enxergam. É artista.

Me tornei assim artista como uma cientista louca, assim como tantas outras. A meu ver, o artista cientista louco é aquele que faz coisas muito estranhas, incomuns. Vivem em seus experimentos loucos, na busca pelas grandes respostas que outros jamais sonhariam, pelas perguntas que são muito cabeludas, tentando descobrir aquilo que pode impactar o mundo positivamente, estimulando sentidos e abrindo a mente. Como diria Banksy “A arte deve confortar o perturbado e perturbar o confortável”.

Para mim a arte não é apenas a produção em si, mas o processo — as percepções sutis, as ideias pulsantes e a inquietação e conforto que vem junto do fazer — que leva ao auto conhecimento e auto cura que se pode compartilhar de forma sutil por meio da obra. A minha arte é marcador do meu percurso, insights e processos de sobrevivência.



5

## O QUE FAZES?

Ângulos de criação do movimento  
Ação transformadora  
Observador do percurso criativo  
Criatividade como poder  
Ampliação da compreensão  
Movimento tradutório  
Processo de conhecimento  
Construção de verdades  
Percurso de experimentações  
Atividade da mente humana  
Vivência sensorial  
Filtro perceptível  
Ordem que gera significado  
Perspectivas e instantes  
Fenômeno de aprendizado  
Potencial de manifestação de experiência da vida  
Intensa mística  
Formas e cores  
Tensionador do real  
Efeito sensível  
Inovação da realidade  
Véu mensageiro  
Corpo que fricciona a realidade  
Provocador da origem  
Fricção sedutora da luz  
Autobiografia dos lugares  
Tênuo limiar  
Impressões de leitura  
Releituras infinitas  
Signo da conexão  
Intervenção de ficção  
Sinceridade do interior

Possibilidades de determinação  
Elementos em ruptura  
Presença das marcas  
Inventário da imaginação  
Realização da natureza  
Mobilidade das ideias  
Matéria da experiência  
Prazer intrínseco  
Acesso ao divino  
Provérbio terreno  
Alfabeto do mais puro ser

A arte me humaniza  
Me transforma em reflexão





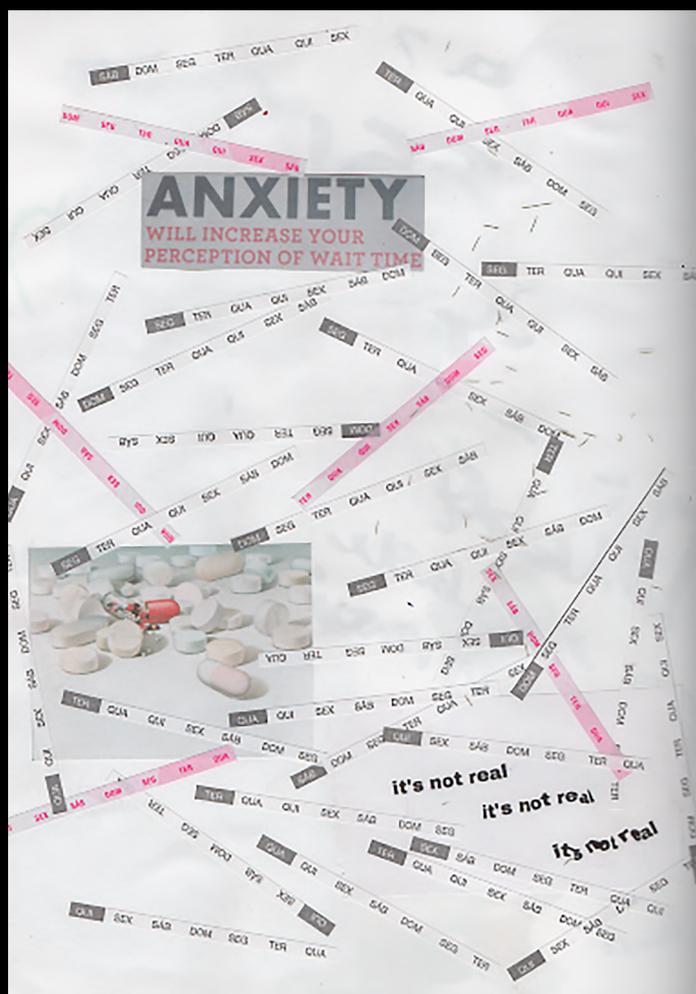
# moon·struck

/ˈmōn, strək/ 

*adjective*

unable to think or act normally, especially because of being in love.





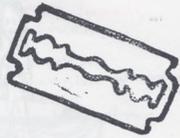



things are ok then they aren't

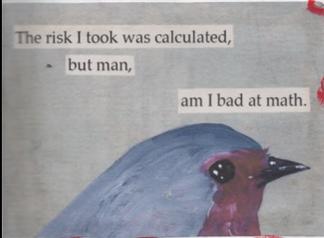


Meu coração já cansou de tanto chorar derramar

I believe whatever comes  
 And rub the dirt into the cuts  
 Show them off to cheer you on  
 To say that I'm not passed away  
 There's no love in the ground for me  
 So I kicked all this earth downstream  
 I lay beside where you would lay  
 Beneath the thoughts you had of us  
 There's thick blood inside your room  
 I hope it finds and brings you back  
 I'm a hundred different pieces,  
 A million reasons in a single night  
 You're the feat of engineering,  
 Sunlight, give me all you've got  
 There's no love in the ground for me  
 So I kicked all this earth downstream  
 I'm just having a hard, hard time here  
 Oh living without me in here  
 There is no love in the ground for me  
 So I kicked all this earth downstream  
 I'm just having a hard time, yeah  
 Just living without you here

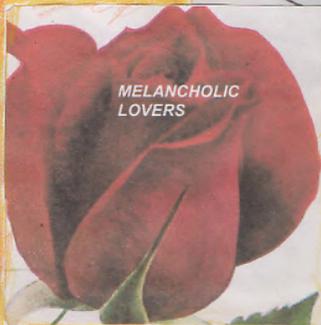
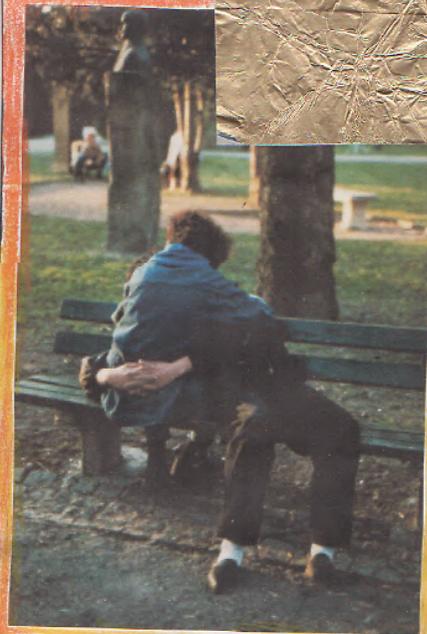
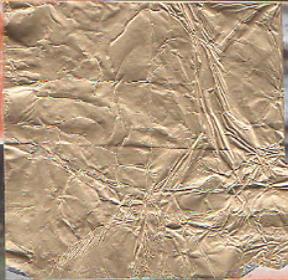


I  
 F U C K  
 I N G



SURVIVED





MELANCHOLIC  
LOVERS

I just don't know what to do with myself  
I don't know what to do with myself  
Planning everything for two  
Doing everything with you  
And now that we're through  
I just don't know what to do  
I just don't know what to do with myself  
I don't know what to do with myself  
Movies only make me sad  
Parties make me feel as bad  
'Cause I'm not with you  
I just don't know what to do  
Like a summer rose  
Needs the sun and rain  
I need your secret love  
To beat love away

Membro por membro, dente por dente  
Despedaçando-se dentro de mim  
Cada dia, cada hora  
Eu desejava ser à prova de balas  
Encore-me, emoldure-me  
Esquente os alfinetes e cravos em mim  
Você me transfere mais nisso, eu só desejo  
que isto fosse,  
fosse à prova de balas  
Então pague o que deve e atire  
Condessa, o tiro para que eu fique todo esburacado  
Eu poderia me desfazer em um milhão de balas  
Completamente substituído e à prova de balas  
(diminua, diminua, diminua)



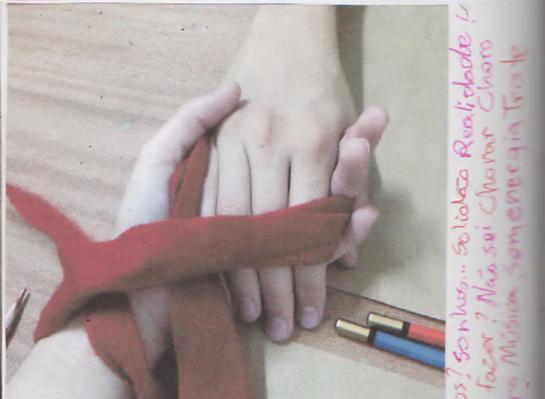
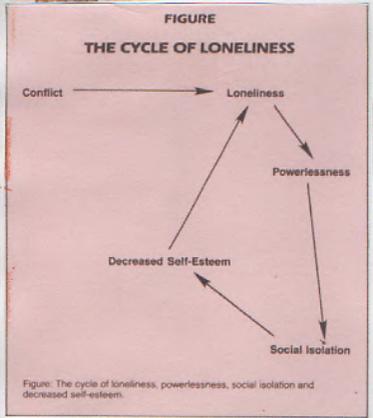


13

So lido so lido so lido? Teo sozinha Ninguem? Solidão e ali daí.  
 Nenhum amigo Ninguém se importa Eras?! Maeq ver?! Mães...? Dor Dor  
 Medo do escuro Preciso de um abraço Ninguem se importa como estou



My crazy Diamond Shine? So lido  
 Não quero sentir mais nada por-  
 que ninguém gosta de mim? As  
 pessoas não gostam de mim



Solidão Dor Medo Querer sentir algo?  
 e ali sozinha atalla e ali daí  
 Amigos? So lido... So lido Realidade k  
 que fazer? Não sei Chorar Chorar  
 Quero Música Sem energia Triste

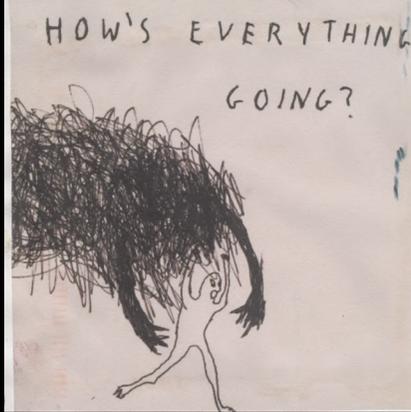
14

Trágico mas verdadeiro  
 Secrets I have held in my heart  
 Are harder to hide than I thought

Sentindo-se desintegrar-se?  
 Quanto mais dessa tortura  
 tu consigo suportar?

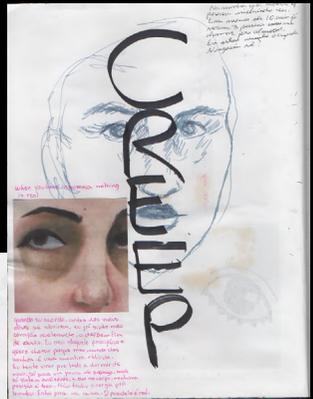


Busca  
 minhas mãos  
 descobrem ternuras  
 - em que me sinto presa  
 nas tardes  
 meus olhos  
 inventam destinos de pássaros  
 - em que agito o silêncio  
 das noites



meu corpo  
 quebra lugares de seiva  
 - em que exalto os vazios  
 da espera.

Tell me, how can I put you off when  
 you're a matter of urgency?  
 I've got a million things that I need  
 to do, but they're all secondary.



There are so many things that I don't understand  
 There's a world within in me that I cannot explain  
 Many rooms to explore but the doors look the same  
 I am lost I can't even remember my name  
 I've been for sometime, looking for someone  
 I need to know now, please tell me who I am  
 I've been for sometime, looking for someone  
 I need to know now, please tell me who I am  
 There are so many things that I don't understand  
 There's a world within in me that I cannot explain  
 Many rooms to explore but the door look the same  
 (where are the locks & the key)  
 I'm lost I can't even remember my name  
 (And I wondered why)



I've been for sometime looking for someone

I NEED TO KNOW NOW  
 PLEASE TELL ME  
 WHO I AM ?



Não lamenteis por mim quando eu morrer  
Serão enquanto o mundo ainda durar  
Ao mundo não que o deixo e seu viver  
Em meio aos vermes que ainda são mais vis.  
Não te recorde o verso comedido  
A mão que o escreveu, pois te amo tanto  
Que antes achar em tua mente olvidado  
Que ser lembrado e te causar o pranto.  
Ah! peço-te que ao leres esta quixa  
Quando for minha carne consumida,  
Não te refiras ao meu nome e deixa  
Que morra o teu amor com minha vida.  
Não veja o mundo e zombar desta dor  
Por minha causa, quando morto eu for.

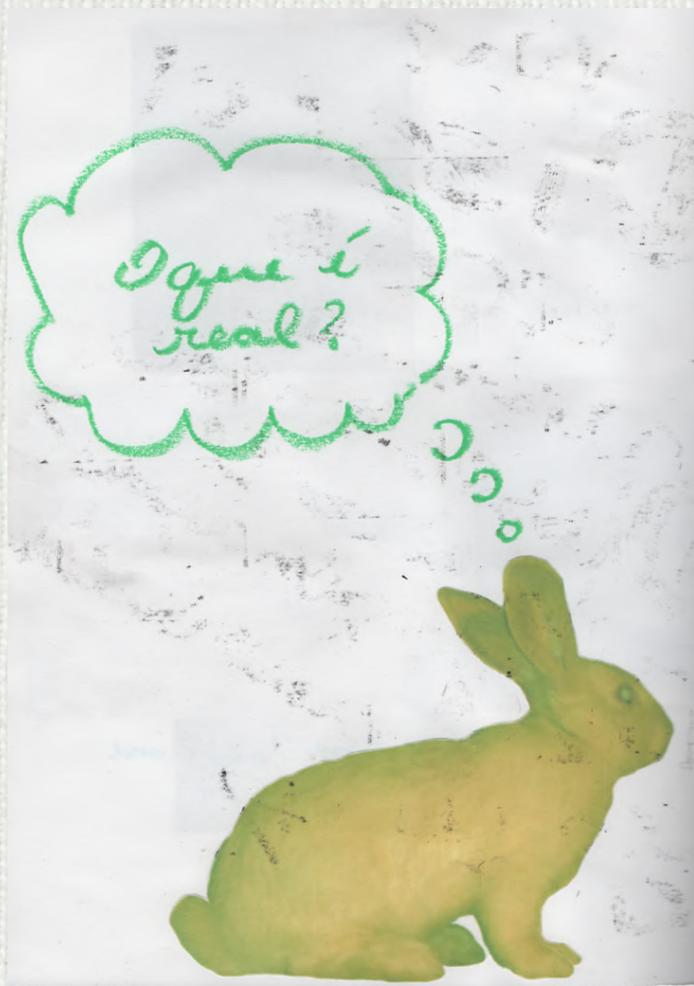
(Shakespeare)



# calling

São muitas coisas. São sempre muitas coisas. Muitas camin-  
has, muita possibilidade. Pouco tempo. Pouca memória.  
O tempo mais rápido "inconsciente". Muitas coisas. Nunca sei  
a qual vou. Qual executar. Qual seguir. Mas cada uma  
era algumas pequenas coisas, detalhes de um todo. E aqui  
seria um todo. E que existe, seria como e estar aqui?  
No entanto, sou pago pensando como represento um todo?  
Como eu sou todo. Se eu não sou eu.  
Como o espelho do outro. A arte então seria o reflexo?  
Tomando nota, com o intuito de uma possível representação  
mas fiel do todo e assim da mente. Representações  
dos variados momentos de variadas coisas que eu  
Essa impressiona e é rica, misteriosa e complexa que eu  
me pago em saber. O que eu sei, como eu sei.  
Não tem medo de pagar os erros como me ver a carga de culpa  
sem ter medo de pagar os erros (pode ser). Aqui de acordo com  
o momento.



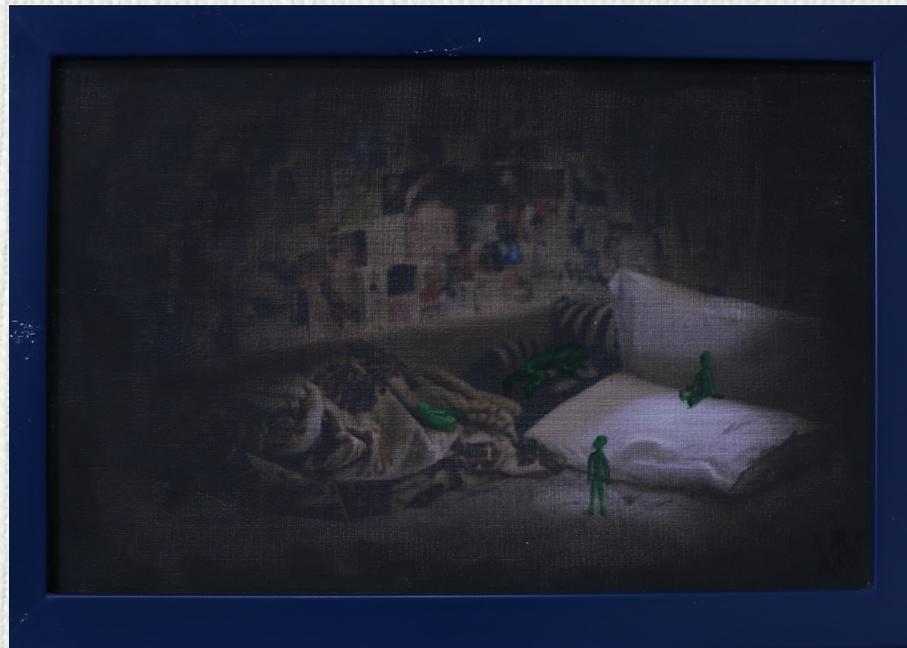
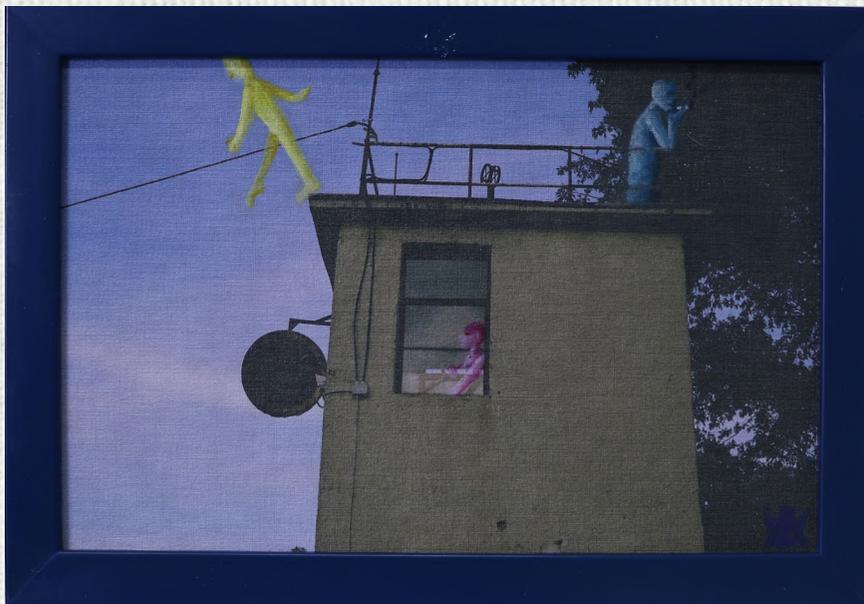


Nessa jornada chamada vida o diário é a bússola. Onde me encontro? Onde estive? Qual o destino provável? E a arte... a arte são as pegadas que eu deixo para trás. Nessa pesquisa meu corpo é meu instrumento, não apenas pelo manuseio do material mas também porque dele surgiram as primeiras pulsações que atçaram minha mente. O trauma. Diferente do que muitos pensam o trauma não é necessariamente o que acontece com você, mas como aquilo fica marcado em você, nas suas emoções e mente e isso passa a habitar o corpo. Me pergunto quanto da arte é resultado do trauma, mesmo que o artista ou o público não reconheça isso. Gostaria de afirmar então que meus traumas foram o gatilho para o movimento da minha arte. E não sinto mais vergonha ou repulsa de tal fato. É inegável a relação entre a psique e as manifestações artísticas. Nem todo artista é "louco", hiper sensível ou adoecido mentalmente e/ou fisicamente, mas os que são merecem seu espaço e reconhecimento de seus conhecimentos específicos e sobrevivências em vida, para que depois não sejam romantizados em morte. Invoco os trabalhos de Frida Kahlo, Van Gogh, Louise Bourgeois, Hilma af Klint, entre outros, como exemplos, guias e mestres para minha sobrevivência. E não desejo romantizar esse lugar mas reforçar sua existência com respeito, aceitação e consciência do que está envolvido nisso tudo.

Quem diria que as manchas  
vivem e ajudam a viver?  
Tinta, sangue e cheiro.  
Não sei que tinta usar  
qual delas gostaria de deixar desse modo  
o seu vestígio. Respeito-lhes  
a vontade e farei tudo  
o que puder para escapar  
do meu próprio mundo.

mundos cobertos de tinta – terra livre  
e minha. Sóis distantes  
que me chamam porque  
faço parte de seus núcleos  
Tolices. O que eu poderia fazer  
sem o absurdo e sem o efêmero?  
1953 há muitos anos compreendo  
o materialismo dialético.”

[KAHLO, 1996, p.227.]



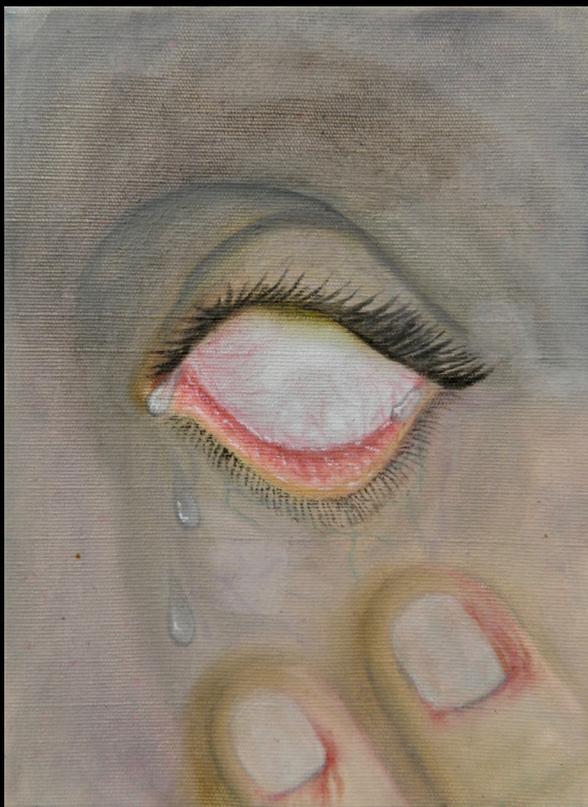
O trauma me fez buscar conforto em cores e texturas, compreensão em símbolos, auto conhecimento no processo, pertencimento em imagens. Poder visualizar a arte me salvou da completa insanidade e até mesmo da morte. Assumir o pulsar da arte em mim me deu propósito para escolher viver. Não em nome dos objetos que eu poderia criar, mas das conexões, visualizações e sensações que precisam prevalecer.

“A visão na qual o pintor sem dúvida se inspirou, é deformada por uma passionalidade exasperada, de uma incandescente vontade de se comunicar com o infinito.”

[Abril Coleções, 2011, p.126]



**Da dualidade de  
todas as coisas:  
o Vazio e o Todo**



23

Minha arte sou eu. Minha arte é parte de mim. Minha arte é minha essência que vaza e ganha forma através do instrumento. Minha arte é parte de meu instinto animal. Minha arte é necessidade do meu comunicar. Minha arte é minha âncora para não me perder de mim mesma. Minha arte oscila, é instável, como a artista e seus humores. Minha arte é meu desejo.

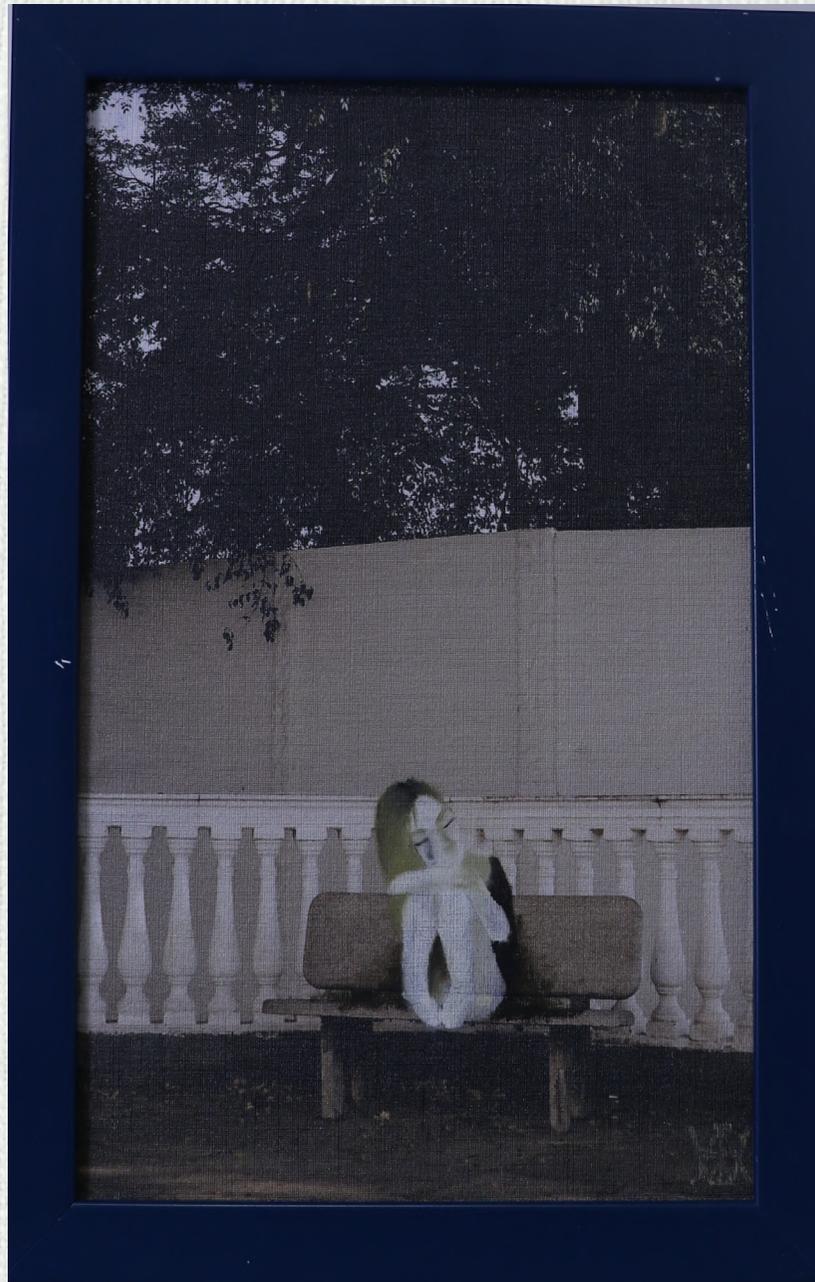
Desejo. Primeiro desejei desejar algo. Desejei coisas ruins e também boas. Na arte todos poderiam existir, coexistir, se libertar. Na arte a tentação se liberta. Desejei morrer. Desejei viver. Desejei mudar. Desejei muitas respostas. Desejei habitar o Vazio. Desejei não sentir tudo de uma vez. Desejei não sentir nada e depois desejei sentir algo. Desejei transmitir meus pensamentos complexos, por vezes confusos, até mesmo para mim. Desejei tudo saber e novas perguntas. Desejei colecionar conhecimento que todos pudessem acessar, independente do idioma. Desejei cartografar minha jornada de auto desenvolvimento, os surtos e os insights. Desejei provar que existi e resisti, sobrevivi. Desejei um lugar onde eu pudesse visualizar minhas ideias e compartilhar com o mundo sem tantas barreiras. Desejei conhecer, esclarecer e poder compartilhar os mistérios dessa vida e da morte, a força que reside naqueles mais vulneráveis, onde reside a cura. Desejei ser motivada por essa ganância existencial. Desejei clareza e força para mim e para o mundo no caminho do auto encontro. Desejei compreender as dualidades do mundo. Desejei equilíbrio. Desejei dialogar o Todo e o Vazio. Desejei ser canal de transmissão das essências da Natureza.

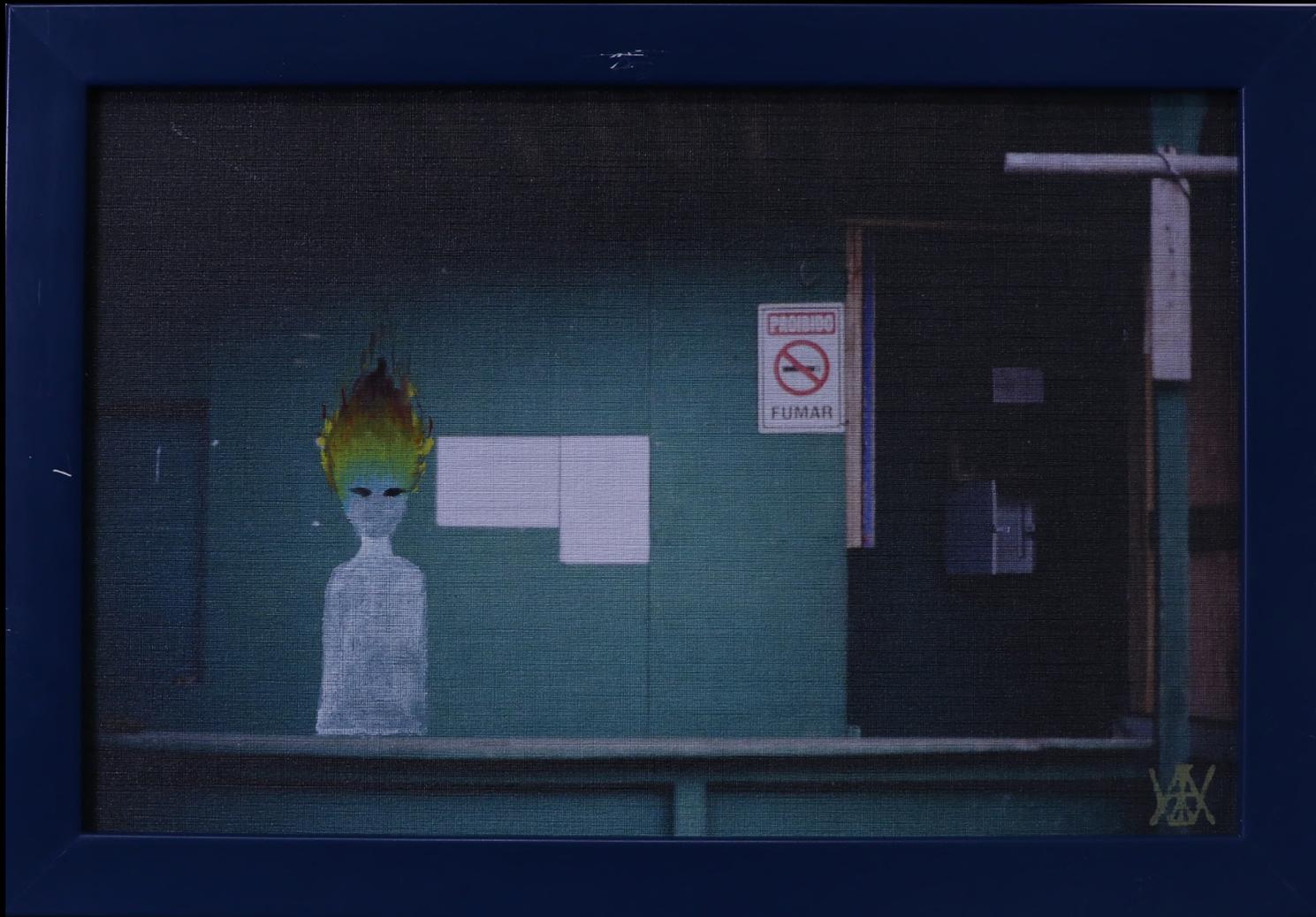
“Quem és? Perguntei ao desejo.  
Respondeu: lava. Depois pó. Depois nada.”

[HILST, 1998, 17 p.]

Querido visitante, minha criatividade é um acesso da consciência às respostas. E também uma marca que posso deixar no mundo, talvez. Minha ideias são tudo o que tenho. Todas as respostas são uma conversa entre o dentro e o fora. As perguntas já são o início da liberdade. A sociedade trata como uma doença ou estranhice o movimento natural do nosso espírito em buscar processar e lidar com as coisas que experiencia, cada um da sua maneira.

No lugar da aceitação existe uma enorme negação por parte da sociedade colonizada em relação a esse movimento da nossa natureza interna e externa, e a relação entre tipos de textura e manchas diferentes, impressões diferentes, pessoas diferentes, ideias diferentes, sensações diferentes e todas juntas nesse caldeirão. No lugar do que é natural e medicinal de fato, existe mais uma tentativa de adormecer, de apagar, de silenciar, atordoar e dopar o indivíduo... e isso se repete de várias formas dentro da sociedade, com nossa natureza humana e com a Natureza como um Todo. As florestas, os mares, os animais humanos e não humanos, o planeta, a terra, a energia... diante de tanta dor podemos acabar sendo jogados no vazio e levados a conhecer um limbo de incertezas, se preciso for.







Esse limbo não é de todo ruim, comparado com a alienação ou a ilusão da certeza. Me despi de tudo isso, mergulhei de corpo e alma. Na dissociação entre o eu e o infinito não me senti perdida nesse vácuo, que chamo aqui de vazio. Quando viver ou morrer não importa todos os medos são dissolvidos. Existe a possibilidade de apenas existir e redescobrir tudo, talvez encontrar a conexão com o Todo. Construir uma realidade da qual eu pudesse pertencer, dependeu de uma análise de perspectivas diferentes e de minha capacidade de sonhar, de assumir minha natureza artística.

Descobri, posteriormente, no vazio, o espaço potencial para que algo nasça. Antes desse desligamento de tudo meus sentidos captavam apenas dor, e no vazio não captavam nada, e isso era um respiro. O profundo respiro que eu precisava, infelizmente.

Passei a mergulhar na entrega, me despi de mim e do que eu pensava ser, e fui encontrando cada vez mais conexões improváveis para mim, como encontrar um tesouro escondido nas mais profundas águas turbulentas do oceano. Me perdi sozinha no deserto, sem abrigo, água ou alimento, e de alguma forma, que não consigo explicar em palavras, encontrei vida ali. Percebi como cada pequena coisa, aparentemente insignificante, se conecta à outra, longe, e que parece não ter qualquer relação entre si. E continuamente, formam uma rede, de influência e suporte. Magicamente, energeticamente, matematicamente, trocam informações, trocam potência, se comunicam. E não em palavras, mas através de uma dança invisível que não se apresenta para olhos desatentos e corações fechados em certezas, como a poesia invisível inerente à vida, à beleza no caos. Na escuridão descobri como seguir com a vida.





Existiu uma luta entre dois lados que pareceu infinita. O vazio e o todo, a morte e a vida, a sombra e a luz, o fora e o dentro, magenta e verde... Até perceber que tudo é um, tem a mesma origem (e fim), um não existe sem o outro. Na atordoante loucura do sentir a fina barreira entre a vida e a morte, me brotaram os mais profundos e brilhantes insights que eu jamais tivera. Insights que me proporcionaram cargas energéticas que me fizeram sentir acompanhada e entender, em cada célula do meu corpo, sobre o Todo, a energia invisível que conecta todas as coisas. Depois passei a entender isso como um despertar espiritual, mas não tem nada haver com religião ou dogma. A única coisa presente em todo o processo, e que conecta com tudo isso de alguma forma, é a Natureza. E a arte é a capacidade dada por ela à mim. A arte pode ser o rastro que traça um mapa desses lugares visitados em insights.

“A verdadeira liberação não vem de encobrir ou reprimir estados dolorosos de sentimento, mas apenas de vivenciá-los plenamente.” – Carl Jung<sup>2</sup>

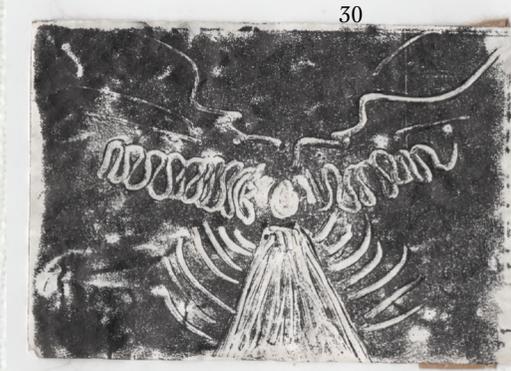
Nessa época, as poucas coisas que me despertavam um rápido e quase transparente vislumbre eu comecei a fotografar. Depois fazia algumas interferências com tinta ou computador. Era sobre o palpável e o impalpável existindo juntos. A fotografia me parecia um mecanismo de captura desses vislumbres, e ao mesmo tempo parecia uma ilusão. Aparentava algo real, mas você não poderia tocar e quando voltava ali já não era o mesmo o objeto do vislumbre. Era outra coisa, tudo estava sempre mudando... Talvez a pintura (ou ocasionalmente o digital) fosse a minha tentativa de tocar aquilo, marcar, imprimir algo sobre a ilusão.. algo só meu. Marcar minha presença no vazio... (ver imagens 21, 22, 24, 25, 26, 27 e 29 da série Impressões sobre o vazio)

Como artista cientista louca, presa em uma única sensação de que tudo é vazio ou não importa, eu queria entender o mais profundo interior das coisas, e fui atrás da física quântica, que assim como alguma poesia, se propõe a definir e entender aquilo que não se pode ver, o imensurável e todo o indeterminismo inscrito no invisível que compõem nossa realidade.

Para a física, “vazio” é bem mais que uma simples ausência. Ele compõe a maior parte do seu corpo e do corpo de todas as coisas, a nível subatômico, porém essa substância real do cosmos não ocupa espaço mensurável. Os átomos não tem estrutura física, porque são, na verdade, energia invisível, e não matéria tangível. O interior parece oco mas contém energia...



Ouso pensar que tudo tem alma. Quanto mais penetramos na estrutura microscópica da matéria, mais parece que essa substância vai desaparecendo. Porém, como em uma casa mal assombrada, nesse “vazio” subatômico, além do vácuo podem ocorrer “emissões espontâneas”, partículas, energias e ondas que podem surgir de maneira inesperada e desaparecer rapidamente, como fantasmas.... do que foi, é e será. Memórias desse Vazio que habita todas as coisas, mensagens, insights. Nessa pesquisa, eu sou o objeto, sou a matéria, e reflito “quem sou eu?”, “o que sou eu?”, “o que é ‘eu’?” e “o que é essa energia invisível que me constitui, preenche e conecta a tudo?”.





O “vazio” pode até mesmo destruir buracos negros. Averi-  
guei em minhas pesquisas de artista cientista louca, que o  
Vazio dissolveu o buraco negro em meu peito. O “vazio” é  
o começo e o fim do Universo. O “vazio” não se contenta  
em ser o que é e sempre tenta se tornar alguma coisa, mes-  
mo que seu completo “oposto”, o Todo. A energia é a mes-  
ma, a coexistência entre a consciência e a transmutação,  
a grande força da Natureza que tudo move, tudo habita,  
tudo é. Um eterno ciclo de vida-morte-vida.

Nessa viagem enteógena as profundezas do vazio, conduzida não por substâncias ou crenças mas pela essência da dita “loucura”, uma ideia se concretizou em minha mente: a Natureza é o que chamamos de “Deus”. Não o Deus cristão, não (se desprenda dessa ideia antes de continuar), então chamarei aqui de Deusa, apenas para me fazer entender nessa distinção. A Natureza (como Deusa) é mais concreta, palpável, até mesmo científica. As ciências estudam suas linguagens e destrezas, como no caso da física quântica, pois tudo é energia. Penso no escuro absoluto. Algumas luzes brilham como estrelas. Penso no cosmos que sempre existiu e jamais deixará de existir, independente de qualquer coisa, e na inteligência viajante que evoluiu na infinitude do tempo e continuará, e penso sobre como “Todos os átomos de nossos corpos incluem parte dessa antiga tela que formava o Universo no passado. Somos pó de estrelas e estamos conectados biologicamente a qualquer ser com vida. Somos seres de energia invisível que vibra, entidades unidas a tudo o que existe.” Como disse Dalai Lama, me assegurando da possibilidade de sentir a dor do mundo em minha alma, mas também o caminho da cura. Encontrei na conexão entre o corpo, a mente e o espírito a potencialidade de experimentar a essência do Universo e sentir tudo passar por mim. Da mais profunda melancolia ao mais puro êxtase.

A Natureza é de fato onipresente, onipotente e onisciente. E foi um rápido instante de deguste desse poder, de acesso a fonte de potencia criadora, enquanto flutuava nua no Vazio, que me fez passar a observar e perceber seus rastros em tudo. Se antes eu não via nada além de sofrimento, falta de sentido e conexão, agora conheço a força imensurável da energia de transmutação. O Todo surgiu no Vazio, ou melhor, ele sempre esteve ali, invisível, para olhos céticos, disfarçado. E os dois se mostraram duas faces da mesma epifania. Me senti ainda mais cientista louca tentando expressando tal epifania. A Natureza é “Deus” e eu a vira, sentira, eu... sou parte palpável dessa divindade, por que não sou nada e tudo ao mesmo tempo. Desejo essa conexão ao mundo.



Assim, gradualmente meu trabalho passou a ser o desejo de abordar esse Todo, das verdades energéticas, as emoções essenciais, a força do sensível, onde e quando vivo ou morro, o lugar da cura. Que lugar é esse? Não me lembro de estar aqui mas me parece tão familiar...

E foi a essência da arte que me habita que me trouxe até aqui. Se a “loucura” foi o barco dessa viagem, a arte foi o remo, num oceano de mistérios. Escolhi ser artista por ser cientista louca e me permitir perceber a potencialidade da existência. Por meio do meu impulso artístico busquei comunicar sobre dor, trauma, disfunções, loucura, energia adoecida, suas causas e consequências na teia da existência, curas possíveis, amor e conexão com a Natureza, a fonte. Tudo isso essencialmente explorando o vasto arquétipo feminino, dentro da espiritualidade e simbolismos não hegemônicos e suas muitas narrativas, como uma das polaridades energéticas na Natureza, seus desdobramentos e possíveis reflexões. Não por uma questão hierárquica da perversa construção de gênero, mas porque minha experiência se estende e aprofunda nesses diversos caminhos que se convergem ao ter sido socializada como mulher, por ter um útero e vulva, e as violências e dores específicas que sofri por conta disso. Atente-se, caro leitor, que não tenho a pretensão de aprofundar aqui em todas as problemáticas da imposição de gênero e da binariedade, e nem mesmo falar por todas as mulheres. Tudo isso aqui é sobre mim e minha relação com o meio, minha relação com o ser fêmea. É a partir de meu ventre, meu útero, minha mente, meus centros de poder procriadores que experienciei tantos traumas específicos quanto iluminações. Do corpo emerge o próprio impulso da criação. Acredito que no ventre (fisiológico ou energético) que possuímos, reside o portal de transmutação da vida-morte-vida.



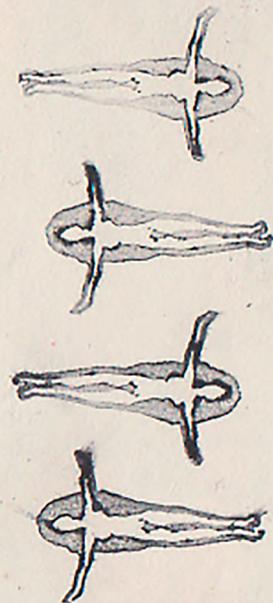
O RUÍDO EM MEU VENTRE





## A Natureza “feminina”

Dentro de mim há um universo particular  
Galáxias, constelações, fusões nucleares  
Em meu ventre guardo a bússola da intuição  
E me guio numa jornada  
de auto descobrimento e desejo de cura  
Meu coração pulsa com o êxtase  
de habitar o micro e o macro  
E tudo a minha volta também sou eu  
Sinto tudo com profundidade  
pois tenho em mim dois corações  
Sou cíclica e mutável  
Guardiã da transmutação



Parece-me impossível separar completamente ou impedir que meu íntimo e pessoal não transborde sob o trabalho. A conversa acadêmica, pesquisa, é a mesma que vivo no meu tempo livre e que tenho com os outros a minha volta. As experiências elaboradas nesse TCC, são da estrutura que me orienta em vida, parte de quem eu sou como um todo, substrato e sangue, e não apenas um tópico. Essa pesquisa nasceu no meu silenciamento, na minha dor e no prazer, no meu secreto interior, antes de eu perceber que já havia algo no mundo sobre isso. Nunca foi minha intenção me auto revelar ao mundo dessa forma, mas as ideias, sendo parte da estrutura que me constitui, deixam pistas que acabam por me expor. Não que seja um problema. Não busco esconder meu posicionamento em minha obra, pois a arte, assim como tudo, é política. Acredito que precisamos escanear as dores, lutas e belezas sutis de tempos caóticos.

Reflico se fui eu quem descobriu essa essência dentro de mim, ou se ela me descobriu, escondida dentro do que chamo de vazio neste TCC. Me pergunto se foi uma memória genética ou sussurro de alguma ancestral. A busca por respostas serve de vento que assopra meu barco. Os simbolismos presentes nas imagens e objetos são como um código de histórias, mesmo que não sejam figurativos, as próprias cores, formas ou tipos de manchas tem muito a dizer. Esses símbolos foram chegando para mim através dos meus sonhos, mensagens de lições entre meu inconsciente e meu consciente, minha mente e meu ventre. Decidi ouvir. As vezes só isso faz sentido. Gostaria de te apresentar alguns simbolismos que interpretei de sonhos (com a ajuda do dicionário de símbolos), dormindo ou acordada.



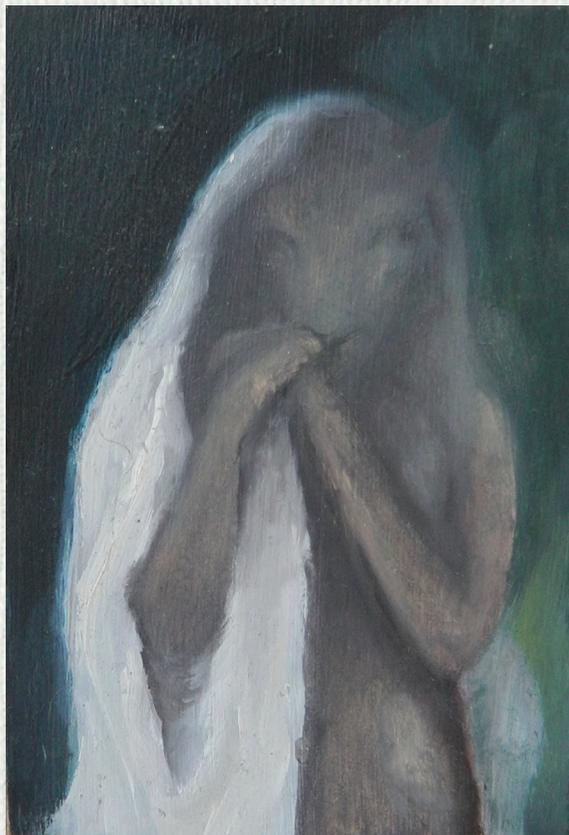


Essa imagem surgiu de uma mancha. Eu não estava num lugar muito bom em minha cabeça nessa época. As cores que me agradavam eram sombrias, tons de azul, cinza e marrom quase sempre. Nesse dia, para que essa mancha insistente saísse de minha cabeça eu me pus a manchar o papel e expurga-la. As formas e cores não faziam muito sentido mas eu tinha um sentimento... me lancei com esse padrão indefinido na maciez do óleo e comecei a enxergar coisas ali, rostos, conexões... e surgiram muitos animais caprinos, criaturas com que sempre me identifiquei, e uma paisagem misteriosa.

Sobre animais caprinos, como cabras, cabritos, bodes e ovelhas, muita coisa pode ser atestada. As cabras e cabritos são conhecidas pela agilidade, pelo gosto pela liberdade muitas vezes feita de impulsos imprevisíveis. Representam também a substância primordial não manifestada. A relação existente também entre a cabra e o deus raio faz com que esta represente um instrumento de atividade celeste em benefício da terra. O carneiro associa o ímpeto e a generosidade a uma obstinação que pode conduzir à obcecção, vitalidade incandescente, ardor de viver em ritmo acelerado, no tumulto e na intensidade, nas emoções fortes, nas sensações violentas, nos perigos, nas proezas, nos choques de uma existência superativada, associado ao masculino. As ovelhas ou cordeiros encarnam o triunfo da renovação, a vitória, sempre a renovar-se, da vida sobre a morte, por isso associado a vítima mais propícia, que deve-se sacrificar para garantir a própria salvação, vencedor da morte e das forças do mal. Já a lua, que também tem muitos significados, quando cheia resumirei como o ápice de fertilidade da energia feminina. Se isso te intriga tanto quanto eu, persistente leitor, te recomendo pesquisar sobre a simbologia das árvores... No fim das contas a pintura foi uma manifestação muito acurada do meu inconsciente e o começo da minha descoberta desses padrões e possíveis análises sobre mim.



39



40

Luz e sombras. Donzela e monstro. A dualidade de todas as coisas e como eu senti isso em 2018 pela primeira vez sendo reconhecido. Dentro de nós existe um paraíso e um inferno. Por vezes me senti brilhar com luz divina, e outras senti esse manto de luz sendo retirado e o ser bestial que faz parte de minha essência animal ser exposto. Percebi que mesmo sombrio este não era mal, mas se comporta como um animal indomável quando assustado e incompreendido. Senti empatia por minhas sombras, pela primeira vez, e um portal se abriu para mim. Interessante que essa criatura se assemelhe a um caprino...



Sempre tive sonhos bastante vívidos. Essa tela representa um desses sonhos que me marcou. Havia água escorrendo aos meus arredores como se uma cachoeira enorme me cercasse mas eu estava andando sobre um mar de sangue. Eu era um anjo e sentia um desejo enlouquecedor de arrancar meus próprios dentes com as mãos. Um bode surgiu e começou a comer minhas asas. Apesar de ser um contexto um tanto aterrorizante eu estava apenas observando tudo... Descobri que sonhar com dentes de uma forma geral pode representar medo e que é um sonho comum em momentos em que estamos lutando para completar algo em nossas vidas. Os dentes podem representar entre muitas coisas situações cortantes, palavras negativas, nossa agressão etc. Puxar os próprios dentes diz muitos sobre como se está vivendo a vida. Provavelmente está segurando algo internamente que causa angústia e se o dente é retirado se sente alívio e talvez esse seja o conselho do inconsciente. Sobre o bode você já sabe, e ele devorou minha pureza e ingenuidade. Já a água é sempre um símbolo das emoções e sua cor e forma de fluir, ou não, dizem muito. E sangue pode ser a energia vida-morte-vida, algo vital.

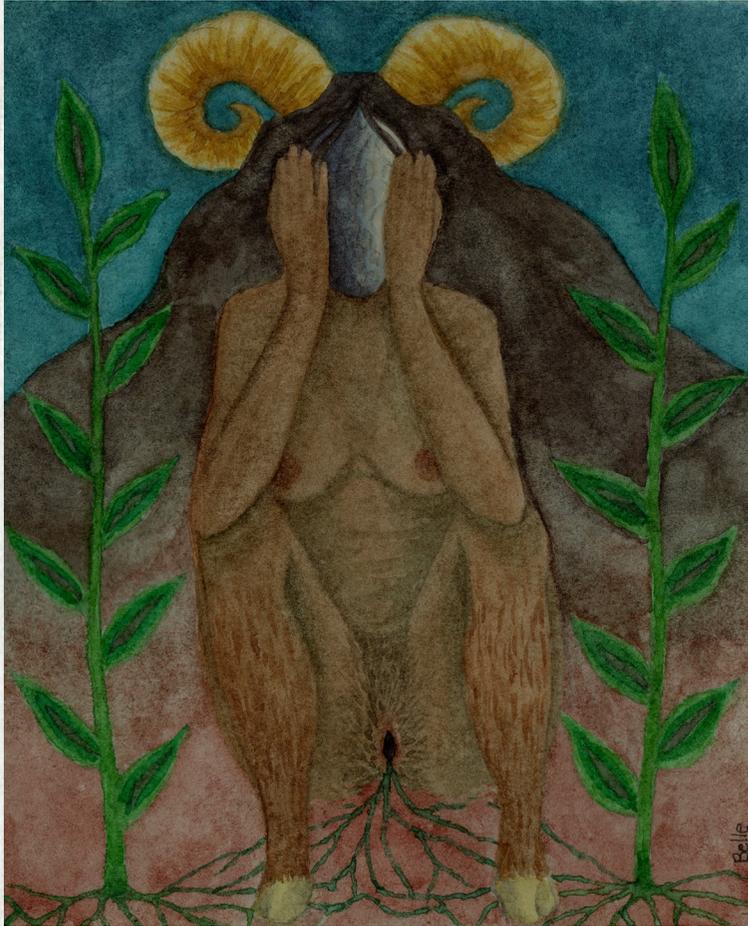


Sobre as muitas paisagens noturnas, escuras porém brilhantes, iluminadas por lua ou raio, pode-se associar aos sonhos e as angústias, onde o inconsciente se libera. Como todo símbolo, a noite apresenta um duplo aspecto, o das trevas onde fermenta o vir a ser, e o da preparação do dia, de onde brotará a luz da vida.

Em uma noite de tempestade em que eu estava mais deprimida que de costume me deitei para dormir e tive um sonho bastante marcante. Me via perante uma criatura gigantesca, uma serpente voadora com penas e chifre, e caía em céu aberto em meio à nuvens, que vinham deslizando a minha volta e então a criatura lançou um raio sobre mim, me revelando conhecimento cósmico enquanto eu flutuava no mais profundo céu noturno. Me propus então a materializar tão visão da forma que pudesse recordar melhor e ao desafio de ilustrar tal criatura divina que eu fui buscar significado.

No plano espiritual, o relâmpago produz uma luz interior, que obriga o sujeito a fechar os olhos e a recolher-se, que manifesta uma energia equilibradora. O relâmpago é o símbolo do esclarecimento intuitivo e espiritual ou da iluminação repentina. No antigo Peru, o sol fecundante adquire igualmente o aspecto do relâmpago, com o que se confunde, e que, por sua vez, se encarna na imagem da serpente, geralmente bicéfala, símbolo de chuva. As deidades da serpente com chifres figuram na mitologia da maioria dos povos nativos americanos e meso-americanos. A maioria dessas serpentes com chifres e/ou penas está associada à chuva e ao trovão, ou cursos de água.<sup>3</sup>

Não preciso te contar, caro leitor, que fiquei um tanto impressionada com a profundidade de meu inconsciente, ou ousou dizer espírito, de me conectar com sabedorias ancestrais tão antigas que meu consciente desconhecia. Depois disso o vazio foi permanentemente preenchido por luz.



Algo clicou, e eu como te contei anteriormente, passei a enxergar naturalmente arquétipos e símbolos por todas as partes e a entender a Natureza como divindade. A terra, a água, o fogo, as montanhas, as plantas, as estações, as fases da lua... essa energia feminina das emoções, intuição e da sabedoria fluía por mim. Do pó tudo vem e tudo retornará e essa energia cíclica se encarrega dessa eterna dança vida-morte-vida que conecta e equilibra com dualidade todas as coisas. Não atoa a figura feminina está ligada ao misticismo. Sinto em meu ventre (energético e fisiológico) esse potencial de criar e quando não há vida, passar por um processo de morte interior para só então renascer com uma nova energia criativa. Lendo *Mulheres Que Correm Com Lobos* entendi a profundidade dessas conexões em processo de despertar e que se tratava também do arquétipo da “mulher selvagem” em mim.

Um trecho sobre o arquétipo da mulher selvagem:

“Quando (...) reafirmam seu relacionamento com a natureza selvagem, elas recebem o dom de dispor de uma observadora interna permanente, uma sábia, uma visionária, um oráculo, uma inspiradora, uma instintiva, uma criadora, uma inventora e uma ouvinte que guia, sugere e estimula uma vida vibrante nos mundos exterior e interior. (...) o termo selvagem neste contexto não é usado em seu atual sentido pejorativo de algo fora de controle, mas em seu sentido original, de viver uma vida natural, uma vida em que a criatura tenha uma integridade inata e limites saudáveis. (...) Pode-se chamar essa poderosa natureza psicológica de natureza instintiva, mas a Mulher Selvagem é a força que está por trás dela. (...) A mulher selvagem carrega consigo os elementos para a cura (...) Ela carrega histórias e sonhos, palavras e canções, signos e símbolos. Ela é tanto o veículo quanto o destino. Aproximar-se da natureza instintiva não significa desestruturar-se, mudar tudo da esquerda para a direita, do preto para o branco, passar do oeste para o leste, agir como louca ou descontrolada. Não significa perder as socializações básicas ou tornar-se menos humana. Significa exatamente o oposto. A natureza selvagem possui uma vasta integridade. (...) E então, o que é a Mulher Selvagem? do ponto de vista da psicologia arquetípica, bem como da tradição das contadoras de histórias, ela é a alma feminina. (...) Ela é a origem do feminino. Ela é tudo o que for instintivo, tanto do mundo visível quanto do oculto -ela é a base. Cada um de nós recebe uma célula refulgente que contém todos os instintos e conhecimentos necessários para nossa vida.”

[ESTÉS, 1999. 10 p.]



É dito por alguns que a energia “masculina” é a ação e a “feminina” as emoções. Questiono as problemáticas que isso pode representar e penso que se aprendemos antes pela emoção (e não pela razão) então a energia “feminina” é também intelectual. A energia “feminina” é a terra. As emoções são sentidas e registradas no corpo físico, as “boas” e as “ruins”. Sentir é estar aterrado. Sentir é se conectar com as raízes e só assim saber nutrir e poder crescer ao céu e à transformação. É nesse plano que aprendemos a curar e evoluir. Mas é nesse plano também que lidamos com tantas formas de opressão, veneno, censura. Não é atoa que o sentir, as sensibilidades e tudo que não é exato e classificado como “produtivo” é tão atacado e mal visto nesse mundo. Sejam as emoções, as úteras ou a Natureza em si.

Viver num centro urbano longe das qualidades da Natureza que me trazem vitalidade é torturante. Plantei então uma horta urbana de ervas medicinais e vegetais comestíveis, depois de sonhar todos os dias, de alguma forma, com isso, que representa no meu inconsciente meu desejo, vitalidade e objetivo. Lá eu planto minha lua, aterro e reconecto com uma essência de ensinamentos. Apenas observando aquele micro cosmos encontro todas as respostas. Eu poderia ser uma plantinha... planta que cura e faz sonhar... Sálvia.



## GRANMESTRA

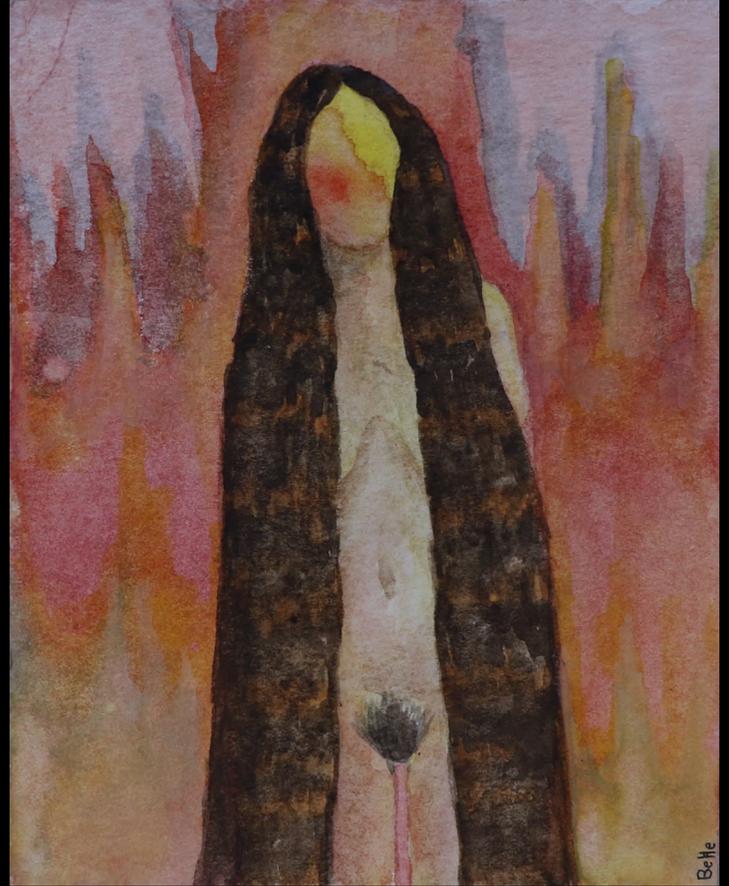
Ó Lua  
Ó Grande Mãe  
Tu guardas todos os segredos  
Tem formas  
Tem cores  
Tu és a musa e a artista  
Em todos os cantos  
Por todas as direções  
Desperta a luz e a sombra  
E em tudo és perfeita  
e original

Assim te imploro para que me permitas em seu cosmos corpo  
ser um belo e nutritivo fruto cósmico  
Impressionar  
Ornar  
Ciclar  
Alimentar  
Derramar semente  
Matéria orgânica  
Viajando pelo o que os humanos chamam de morte  
Transmutar através de teus elementos  
- ó Deusa -  
minha vida em uma nova vida  
Cocriar com ti, si, me  
A propagação de minha energia  
Domínios, sabedorias e fruição  
Deixa-me ser tua aprendiz,  
Mestra.



Diante de tantos sofrimentos e entendimentos pela vida, as conexões entre tantas esferas que pareciam não ter relação foram se formando. Aprendi muito com ensinamentos ancestrais e sagrados da cura natural do corpo fêmea, alvo de tanta violência, e espírito, e desejo beber dessa fonte pelo resto da vida. Aprendi muito com o ecofeminismo também. Entendi por que a besta dentro de mim se sentia tão revoltosa por estar cercada de cinzas e não verdes. Entendi estratégias do plano cruel em curso e também por que a sexualidade e criatividade da vulva/útero é tão censurada e ferida... refleti muito sobre a cura. Acredito que enquanto não fizermos essa conexão e pensarmos na origem da vida, o que a sustenta, quem são nossas primeiras mães – as mulheres indígenas e africanas principalmente – e não as honrarmos, darmos o devido espaço e reconhecimento, enquanto não curarmos todos o feminino em nós, independente do gênero, um mundo que entende a sensibilidade como força e não fraqueza, que cada coisa tem um tempo e ritmo, que somos mais fortes com variedade e não mono ideias, não surgirá. Continuaremos doentes, perdidos num vazio que não entendemos... Ferir, censurar, poluir, matar, envenenar, reprimir, ridicularizar a fonte e origem da vida, seja na nossa espécie ou como um todo, é a mais pura prova da estupidez humana, o verdadeiro suicídio, a verdadeira loucura.







## A terra é o corpo: cerâmica ritualística

“A Terra tem sua história  
para escutá-la  
me aproximo  
redefino minha posição

Intérprete do drama  
me ajoelho  
e me dissolvo no interstício da matéria”

[MILAN, 2018, p. 46]

Sinto sempre falta de tocar a Terra. Penso: preciso achar terra. Dizem que Ela é suja e a marginalizam. O planeta é Terra, mas muito dinheiro nos fazem pagar por uma amostra dita fértil ou por um espaço (seu?). A Terra não é nossa propriedade. A Terra é nossa Mãe.

A Terra é o útero da criação divina. Nesse ventre vivem os mistérios da energia vida-morte-vida. Vida e Morte, juntas, em um ciclo eterno de entrega, generosidade e ressurreição. Olhando de perto para a Terra, tocando-a e refletindo vislumbro a sabedoria divina.

Ela é o tipo de mãe que cuida, alimenta, sara, ensina, acolhe, oferece, diverte, desafia e eleva. Energia pura, matéria criadora de matérias. Sem Ela não sou nada. Sem Ela não somos nada. Sem Ela nada é.

O concreto que a sufoca me sufoca também. Num canto sob tantas camadas de concreto, frio e infértil, pus-me a acumular Terra. Estamos conectadas e longe dela sinto falta de mim. Não mais podia viver sem as medicinas que dela brotam. Ao me aproximar nos identificamos. Estamos secas, compactadas, nesse período o Sol é pouco. Minhas mãos a sentem. De um lado pó, do outro massa úmida alimentada desperta pela Água. Sinto sua “argilosidade” manchar minha pele.

A energia chama por meus pé descalços que se conectam sem hesitar – eu confio em seu chamado - e minha energia começa a circular diferente. A vontade é de me deitar, encolher e esticar sobre a Terra. Mergulhar em sua escuridão. Medito sobre seu colo em *malasana*. Me sinto conectada à fonte. Me sinto capaz de criar raízes bem ali. Meu universo interno se conecta através do meu portal (yoni) com o Universo externo. Sinto descarrego e alívio, após me emocionar, após vocalizar. Existe uma magia linda que emana da Terra e um dia poder voltar a ser parte do pó criador que a compõem me traz paz. Como diz o poema que ecoava em minha cabeça durante esse rito:

*“Não se esqueça dos grãos de areia  
que guardam seus segredos*

*Eles sabem exatamente porque estão aqui  
Sem as palavras que eles não tem ou precisam*

*Eles podem ver claramente  
sem olhos para ver a si mesmos na revolta*

*Sem um sistema nervoso  
mas uma consciência vibrante  
que acontece sem medo*

*Fica no final à ponta  
da conjunção com a Natureza”*

*[ (((O))), 2019]*

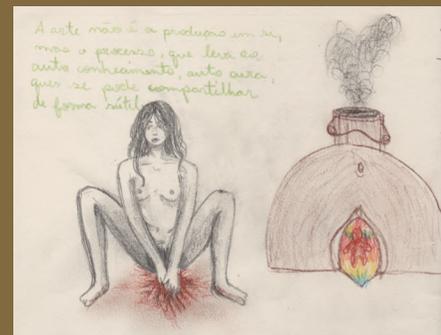


La Sálvia

Ao longo dessa jornada de vida-morte-vida e investigação, descobertas e conhecimento do meu mundo interno e do mundo externo me percebo cada vez mais chamada pelo magnetismo da terra. Sua energia e mistérios me fascinam e me preenchem. A riqueza de possibilidades e mundos que habitam tal elemento e a maleabilidade de sua matéria despertaram em mim uma necessidade intrínseca de me conectar e criar a partir da união entre a consagração dos elementos e meus processos internos, de estudo da sacralidade feminina e de auto reconhecimento destes em mim. Moldando o barro me sinto capaz do poder divino de criar um corpo. Em tal corpo de barro coloco parte de mim, mesmo que não quisesse, pela troca de energia. Nesse processo a alma está presente e também os outros 4 elementos. A terra e a água são o próprio barro/argila, o ar seca a peça e lhe dá firmeza e o fogo da queima lhe dá resistência.

Imersa na projeção e troca entre eu e a peça começa o ritual. Experimentar o corpo surgido do barro através da meditação que suporta o calor e a secura (fogo), o frio e a umidade (água), a força e pressão (terra) e a expansão e cor (ar) e assim a fertilidade e personalidade, movimento cíclico de vida-morte-vida (alma). É como um filho que gestei e pari no mundo.

“Tomando em sua mão algumas sobras do mundo,  
o homem pode inventar um novo mundo que é todo dele.  
A arte começa pela transmutação  
e continua pela metamorfose.”  
[Focillon]<sup>4</sup>



A cerâmica é uma arte de contatos, de trocas de energia intensas. Eu a lanço, a bato, amasso, corto, belisco. Eu a moldo, acaricio, umedeço e seguro na segurança da minha palma. De certa forma eu a envolvo e ela me envolve em troca. Ela começa fria e vai tomando meu calor para si. Toma também minha própria umidade e junto minhas emoções e meu inconsciente. Planejo uma coisa e as vezes algo diferente surge autenticamente ali. O barro sussurra para mim que no universo da terra, guardião de tantos outros microuniversos de transmutação, tudo é possível e muitas vidas transitam ali.

A terra é viva? Será que a terra morre? Ela carrega os nutrientes ou Ela é os nutrientes? O que compõe a terra?

A terra é viva! Mesmo sem a água ela carrega potencia de vida. A água é uma das partes necessárias para a ativação da capacidade da terra de gestar, ativar sua fecundidade. Vejo a terra como um cosmos próprio formada pelo pó do que um dia foi e que um dia será. A terra é um retrato de como seria o infinito. Nela a morte não é trágica e definitiva, mas um processo de transmutação, um portal para que a energia da vida tome uma nova forma. Vida eterna não é uma única vida que se mantém a mesma para sempre mas um ciclo de vida-morte-vida em que a vida sempre se transforma e se renova habitando novos corpos. A terra é a matéria Mãe. A terra é sagrada. Do seu corpo decidi gestar juntamente dela as representações dessa sacralidade, que imageticamente e objetivamente se projeta nas Deusas e nos objetos para cultua-la e visualizar sua energia.

A primeira peça foi a Cumbuca Lunar (não finalizado), onde matérias orgânicas como pedras, cristais e ervas podem ser alojados para serem banhados pela luz da Lua.



53



54

A segunda peça foi o candelabro da Deusa Sheela Na Gig, uma divindade celta representada por uma mulher idosa que sentada com as pernas abertas usa suas mãos para abrir seu portal criador (yoni)<sup>5</sup> e se conectar com a terra a partir de suas raízes e acessar assim a sabedoria feminina infinita e afastar demônios e energias ruins. As raízes (de sálvia) saem de sua yoni e mergulham profundamente na terra e as chamas saem de sua cabeça representando a iluminação dessa conexão profunda.

A terceira peça foi o Portal Vivo (inacabado) que se trata de um corpo arredondado com abertura no formato de uma yoni. Por dentro tem vários pequenos espelhos redondos. A intensão é cultivar a coexistência dos 5 elementos ali. Fazer crescer musgo na peça e mantê-la com água internamente e uma vela boiando.

55



56



57

A quarta peça se trata do Caldeirão Ancestral ou Panela Indígena Pré-colombiana. A peça foi feita usando as técnicas desses povos originários, inclusive sua queima que foi feita no forno (O Deus Fogo) próprio que ajudei a construir na escola. A panela tem uma tonalidade escura e olhar dentro dela é como olhar dentro de um ventre e corpo feminino que nutre a vida, a imaginação e a psique.



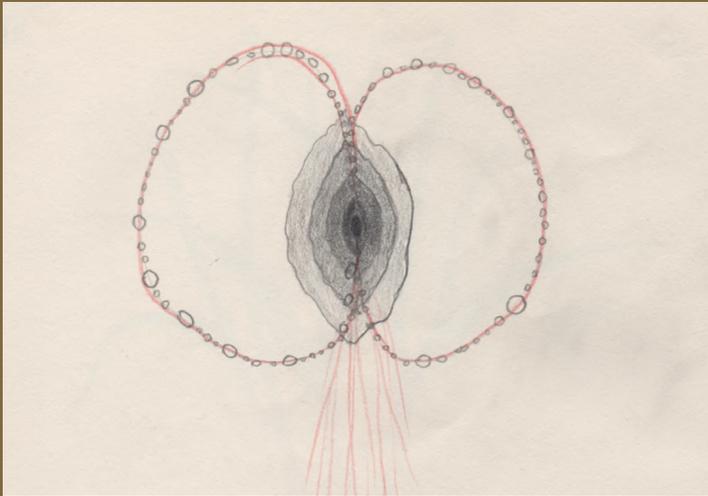
O Deus Fogo: Estudo de forno para queima de cerâmica baseado nas técnicas indígenas pré colombiana. Construído na Escola de Belas Artes - UFMG.



58

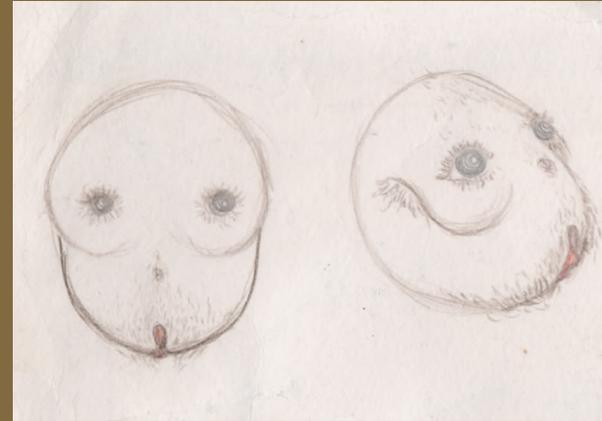
A quinta peça foi feita no mesmo processo que a quarta, também se tratando de um estudo sobre as técnicas indígenas pré-colombianas na cerâmica. Se trata de uma “boneca” oca como um vaso que tem nas costas um cesto onde poderia carregar seu bebê ou seu trabalho. Eu a considero uma deusa por representar as primeiras mães, as mães ancestrais e originárias do nosso povo, tal sacralidade que merece mais reconhecimento e respeito. Pelo rito costume trazer a ela ramos de ervas medicinais e flores para preenche-la.

A sexta peça é sobre a Fecundidade ou Portal vida-morte-vida. Ainda num processo de construção de uma nova versão a peça foi pensada a partir da geometria sagrada com o estudo da forma Vesica Pisces e também sobre a poética das sementes como amuletos e corpos valorosos.



59

A sétima peça, atualmente em construção, se trata de um apito da Deusa Baubo. Deusa grega do regozijo, alegre e sexualmente livre que representa a profunda natureza instintiva das mulheres. Baubo ensina sobre viver alegremente, morrer sem medo e estar integralmente conectada com os ciclos da Natureza. Uma entidade nada puritana que tem seus olhos nos seios e a boca na vulva. Ela retira Demeter da depressão (inverno) a fazendo gargalhar (primaveira) contando piadas atrevidas e lhe mostrando sua vulva. A sexualidade feminina é um sopro de vida essencial na saúde psíquica da mulher.



60

“Quando você quiser entender a vida – e a arte – com os olhos e o coração da Celeida Tostes, recolha a terra sobre a palma da sua mão e lentamente deixe-a escorrer por entre os dedos. Você então descobrirá que a vida é a ação do espírito, que impulsiona essa experiência, e do corpo, que é esse pó que sai de sua mão, dança no ar e retorna ao chão. Quanto à arte... a arte é o vento...”

[COSTA, 2003, epígrafe]

Depois de iniciar essa pesquisa entre a sacralidade feminina e a sacralidade da Natureza e de já ter concluído a maioria das peças, pelo o que acredito ser o encaminhamento do Universo, veio ao meu conhecimento o trabalho da artista brasileira Celeida Tostes. Fiquei muito surpresa com o fato de essa artista não ter sido mencionada anteriormente no curso ou fora dele e de como a grande maioria das pessoas não conhece seu trabalho. Mas me parece compreensível dentro da lógica patriarcal e anti natural das instituições do mundo já que além de mulher, Celeida questionava e ia contra as tendências da arte da década de 60, e como professora ia também contra as métricas de uma educação padrão e infértil. Celeida falava, cultivava, criava e vivia a mulher selvagem, a conexão com a feminilidade da Natureza. Sua arte é social e política e ao mesmo tempo tão íntima. Ela se tornou uma de minhas mentoras. Conhecer seu trabalho me trouxe muito mais força e confiança pra perseguir essa gestação de peças um tanto quando espirituais e animais.

“Despojei-me  
Cobri meu corpo de barro e fui.  
Entrei no bojo do escuro, ventre da terra.  
O tempo perdeu o sentido de tempo.  
Cheguei ao amorfo.  
Posso ter sido mineral, animal, vegetal.  
Não sei o que fui.  
Não sei onde estava. Espaço.  
A história não existia mais.  
Sons ressoavam. Saíam de mim.  
Dor.  
Não sei por onde andei.  
O escuro, os sons, a dor, se confundiam.  
Transmutação.  
O espaço encolheu.  
Saí. Voltei.”

[TOSTES, Celeida. *Passagem*, 1979]

Fazer arte. Experimentar. Perceber.  
Se abrir. Sentir. Viver. Consciência.



## Considerações finais

Minhas imagens diário, reflexões, gritos, rituais, orações são como minha auto biografia, meus farelos de pão na trilha da resistência e amadurecimento, que só eu posso contar e que desejo contar também para mim, que não devo me esquecer do caminho. Nada é conclusivo, talvez poderia dizer até periclitante, a consciência é infinita, a busca sempre existiu entre nossa espécie e sempre existirá. Através dessa montanha russa de pensar-sentir me vi diante da necessidade de aceitação da dualidade das coisas. Eu mesma não sou proprietária de uma inércia estática. A cada mês fluo entre arquétipos, a cada ano sou uma nova pessoa, meus sentimentos podem oscilar e humores variar num mesmo dia, existem tantas ideias pra se pensar. Minha arte é meu território da liberdade. No manuseio do material posso construir uma estrutura que reflita meus desejos, a beleza que falta a minha vida, o estrondo do grito que ignoram e posso vibrar em cores, me visualizar onde desejo conectar. Essa arte diário também me serve para recordar desses pontos de acesso a um lugar de paz na instabilidade da vida. Um museu do inconsciente na qual desenvolvo consciência. Minha arte não vai mudar o mundo mas vai fazer parte no caldeirão e essência que o Todo é, e desejo conseqüentemente despertar pequenas reações e cliques na teia da existência, e isso me basta.



“Quanto mais brilhante for a luz, mais escura será a sombra.” - Carl Jung<sup>6</sup>

Meu trabalho naturalmente passou a ser o marcador, a bússola e o mapa que espelha meus processos de construção da minha identidade e de meu auto conhecimento e do entendimento de como eu encaixo em tudo isso que nunca vou parar de aprender sobre. Eu me necessito e reconheço como artífice da imagem de auto crítica, auto conhecimento, renascimento e conexão entre o vazio e o Todo que desejo ao mundo. Pois sou o lugar de onde posso ver, dizer, expressar e fazer, que serve de ponte com a potencialidade da existência. Entendo que meu trabalho pode não se conectar a todes. Não é de meu desejo excluir ou ferir o lugar e experiências de outras pessoas, nem mesmo é minha intenção reforçar lugares de binarismo e imposições de gênero, muito pelo contrário. Sigo num caminho de descobrimentos, me incomodo com muitas coisas e por precisar processar no nível das emoções aceito o tempo que uma metamorfose pode levar. Sigo “louca”, selvagem e estudante. A conexão com nossas sombras, sensibilidades e a sabedoria ancestral inscrita em nós é para todes. E esse é meu percurso, até agora.







65



66





Gostaria de agradecer aos muitos amigos artistas que fiz durante essa jornada, que mesmo sem saber me deram forças para seguir nessa investida. Especialmente meu querido amigo Lucas, que me acompanhou do começo ao fim do curso e me ajudou inclusive com este TCC. E também as minhas amigas Clara, Manu e Raiane, mulheres incríveis com quem compartilho reflexões e preocupações acerca da saúde feminina (física, mental e espiritual) e da natureza. Eternamente grata pelas preciosas trocas.

## TRABALHOS AUTORAIS

**Capa.** Morrer-transmutar, óleo sobre tela , 19,5 x 19,5 cm , 2018

1. sem título / estudo, pastel oleoso sobre papel, 14 x 21,5 cm, 2017

2. sem título / estudo, lápis sobre papel, 14 x 21,5 cm

3. sem título / estudo, lápis de cor e carvão vegetal sobre papel, 14x21,5cm, 2019

4. Auto retrato, óleo sobre tela, 19,7 x 29,7cm ,2015

5. Auto retrato, óleo sobre tela, 19,7 x 29,7cm ,2015

6. Paisagem interna, sangue sobre papel de aquarela, 17 x 11,6 cm, 2018

7. 8. 9. 10. 11. 12. 13. 14. 15. 16. 17. 18. 20. Página do diário, colágens, caneta esferográfica, lápis de cor, pastel oleoso, lápis, canetinha, nankin, óleo, carimbo, adesivos sobre papel, 21,5 x 28 cm, 2016 - 2019

19. Página do diário, caneta esferográfica, colágem, sangue sobre papel, 21,5 x 28 cm, 2017

21. 22. 24. 25. 26. 27. 29. Série: Impressões sobre o vazio, óleo sobre impressão fotografica em tecido, 23,5 x 34 cm (27 e 29 não foram impressas até o momento)

23. sem título, óleo sobre tela, 14,6 x 19,6 cm, 2017

28. A mesma que te cura pode te matar, óleo e lápis de cor sobre papel, 21 x 29,7 cm, 2018

30. Vibração, monotipia, 10,2 x 14,8 cm, 2015

31. Fronteiras invisíveis: óleo sobre tela, 33 x 18cm, 2018

32. Dissolução do cativeiro: óleo sobre tela, 63x63cm , 2018

33. Fluxo de vida: óleo sobre tela, 12,5 x 15,2 cm, 2018

34. O ruído em meu ventre, fotografia digital, 2019

35. Portal - Yoni, óleo sobre tela, 29,6 x 19,7 cm, 2019

36. sem título, lápis de cor e carimbo sobre papel,

37. sem título, monotipia, 5 x 7,2 cm, 2015

38. Horda de desejos, óleo sobre tela, 17 x 35 cm, 2017

39. Sem título, óleo sobre mdf, 10 x 6,5 cm, 2017

40. Sem título, óleo sobre mdf, 9,6 x 6,7 cm, 2017

41. Sonho / profecia, óleo sobre madeira, 37,7 x 38,3 cm ,2017

42. Espírito do conhecimento chove luz sobre mim: óleo sobre mdf, 58,3x90cm, 2017/2018

43. Mãe pagã / Deusa profana: aquarela sobre papel, 12,5x15,2cm , 2018

44. Refúgio-resistência (inacabado), óleo sobre tela, 60x60cm , 2019

45. Oráculo: óleo sobre mdf, 11x14,7cm , 2017

46. As mulheres e a Terra toleram demais, óleo sobre tela, 30 x 40 cm, 2019

47. Guardiãs em luto, aquarela e pastel oleoso sobre papel, 22,8 x 30,4 cm, 2019

48. Fogueira, aquarela sobre papel, 13,9 x 11,1cm, 2019

49. Mundo, óleo sobre tela, 46,3 x 55 cm, 2019

50. Fotografia digital, palma da mão com argila

51. Terceiro olho, pintura digital sobre fotografia, 2020

52. Detalhe de página do diário, lápis grafite e lápis de cor sobre papel, 2020

53. Cumbuca Lunar (inacabado), cerâmica, aproximadamente 13,5cm de diâmetro, 2018

54. Conexão anciã (candelabro): cerâmica, 12x8,5 cm, 2018

55. Desenho detalhe de planejamento da peça Portal Vivo, lápis de cor, 2018

56. Portal Vivo (inacabado), cerâmica e espelho, aproximadamente 20,5cm de diâmetro do maior lado da abertura e 17cm de altura, 2018

57. Caldeirão Ancestral ou Panela Indígena Pré-colombiana, cerâmica, aproximadamente 8,7cm de diâmetro (tampa), aproximadamente 15,6 cm de largura por 10,5cm de altura, 2018

58. Boneca indígena: estudo da técnica cerâmica indígena pré-colombiana, cerâmica, aproximadamente 18 x 8 cm, 2018

59. Desenho de planejamento da peça Fecundidade ou Portal vida-morte-vida, grafite e lápis de cor, 2020

60. Desenho de planejamento da peça apito da Deusa Baubo, lápis de cor, 2018

61. Fotografia digital, experimentação em land art, 2020

62. Guardiã: óleo sobre mdf, 11,6x14,1cm , 2018

63. Sem título, óleo sobre tela, 21 x 27 cm, 2019

64. Ritual, óleo sobre tela, 20 x 30,3 cm, 2018

65. Paisagem urbana, aquarela e pastel oleoso sobre papel, 11,3 x 20,9 cm, 2018

66. Sem título, óleo sobre mdf, 19,5 x 18,6 cm, 2017

67. Auto retrato com Macgyver, grafite e lápis de cor sobre papel, 21,5 x 28 cm, 2020

68. Auto retrato (em processo/ inacabado), óleo sobre mdf, 120,2 x 90 cm, 2016/2018/2020

## NOTAS

3\* Algumas, como a serpente Cherokee\* com chifres, Utkena, ou o monstro aborígine australiano, Bunyip, são seres malévolos ou monstros que devoram seus inimigos. Outros, como a deidade Choktaw\*, Sint Holo, são doadores de inspiração, espíritos prometeianos que introduzem a agricultura, a linguagem e outros dons de conhecimento para a humanidade. A deidade de Tewa\*, Avanyu, é a serpente celeste emplumada dos Pueblos (Zuni, Kolowisi e Hopi, Paluluka), uma divindade da chuva e do raio que se acredita ter dado origem aos cursos de água e cuja voz é trovão. A mais conhecida serpente emplumada do Novo Mundo é, naturalmente, o Quetzalcoatl asteca (Mayan Kukulkan, Incan Urcagüey), que foi exilado pelos deuses por doar seus dons de conhecimento para o povo asteca.

5\* Yoni é uma palavra do sânscrito que significa “passagem divina”, “lugar de nascimento”, “fonte de vida”, “templo sagrado” e ainda o órgão sexual feminino. É considerado igualmente um símbolo de Shakti e de outras deusas de natureza similar.

[<https://pt.wikipedia.org/wiki/Yoni>, acessado em 1 de Setembro de 2021]

Obs: Sobre os recortes de poesias, músicas e imagens visíveis nas páginas de meu diário, algumas destas referências não estão listadas aqui, pois foram recortadas e resignificadas por mim no desenrolar do fazer artístico da vida privada, sem a noção de que um dia viriam a público. Peço perdão aos artistas responsáveis.

## BIBLIOGRAFIA

1\*. VIANNA, L. H. *Tinta e sangue*: o diário de Frida Kahlo e os ‘quadros’ de Clarice Lispector. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 2003. 71 p.

KAHLO, Frida. *O diário de Frida Kahlo*: um auto-retrato íntimo. Rio de Janeiro : José Olympio, 1996. 227 p.

2 e 6\* Citações por Carl G. Jung. Disponível em: [https://www.azquotes.com/author/7659-Carl\\_Jung?p=2](https://www.azquotes.com/author/7659-Carl_Jung?p=2), acessado em 7 de Agosto de 2021.

4\* Henri Focillon (1881-1943)

SALLES, Cecília Almeida. *Gesto inacabado*: processo de criação artística. - São Paulo : FAPESP : Annablume, 1998. 168 p.

CHEVALIER, J; GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos*: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, número. 3 ed, Rio de Janeiro, 1990.

SHAKESPEARE, W. *50 sonetos*. Tradução de Ivo Barroso. Ed. especoal. - Rio de Janeiro, 2012. 77 p.

COSTA, M. L.; SILVA, R. (org). AQUILA, L. (consultoria). *Celeida Tostes*. 1.ed. Rio de Janeiro, 2014. 52 p.

COSTA, M.L. *Arte do fogo, do sal e da paixão* – Celeida Tostes/Marcus Lontra Costa. Rio de Janeiro: FCBB, 2003. Epígrafe.

MILAN, Denise. *Linguagem da pedra*: A grande pedra azul no cosmos. São Paulo: edição do autor. 2018. p. 46

(((((O))))). *Nature's joint*. AWAL Recordings Ltd: 2019. Disponível em: <https://youtu.be/oRLRYJisMHg>. Acesso em 17 de Agosto de 2020. Tradução livre.

ESTÉS, Clarissa P. *Mulheres Que Correm Com Lobos*: Mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Rio de Janeiro, 1999. 10 p.

HILST, Hilda; DUARTE, E. C.(org). *Obra poética reunida (1950 - 1990)*. Literatura brasileira século XX, 1998. 17 p.

*Coleção Grandes Mestres: Van Gogh*, v. 2/ Abril Coleções: tradução de Carla Luzzati e Elke Silvério. - São Paulo: Abril, 2011, p.126

## RECURSOS GRÁFICOS:

[oNline Web Fonts](http://www.onlinewebfonts.com)

[Background photo created by lifeforstock - www.freepik.com](https://www.freepik.com/photos/background)

[Tree photo created by jcomp - www.freepik.com](https://www.freepik.com/photos/tree)